

“Vai Ter que Enviadescer”: uma Análise Cultural das Performances Midiáticas de Linn da Quebrada¹

Rodrigo Quevedo FAGUNDES²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Situada no âmbito dos estudos de identidades LGBTQI+ na cultura midiática, este trabalho se propõe a analisar os videoclipes apresentados por Linn da Quebrada, uma artista multimídia brasileira e “bixa travesty”, como se autodenomina, observando também as condições nas quais esses textos foram produzidos. Linn da Quebrada é reconhecida por tratar temas de certa forma polêmicos e subversivos em suas performances musicais, buscando a quebra de paradigmas sexuais e de gênero. Inicialmente, a pesquisa está situada na convergência entre os Estudos Culturais e os estudos *queer*. Os videoclipes serão analisados pelo viés metodológico de um estudo cultural contextual, proposto por Douglas Kellner (2001), onde a análise ideológica é situada em meio aos debates e conflitos sociopolíticos existentes, procurando destacar a importância da representatividade LGBTQI+ dentro do cenário atual no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Linn da Quebrada; análise cultural contextual; sexualidade; representação; videoclipe.

Introdução

Analisando o contexto em que estamos vivendo no Brasil, podemos notar o quanto as percepções mudaram em relação à inclusão e a visibilidade da comunidade LGBTQI+. Nossa sociedade está se modificando constantemente e muitas barreiras que eram colocadas frente às manifestações de pessoas LGBTQI+ estão sendo derrubadas. Agora estão sendo representadas no cinema, na televisão, na música e dentro da política.

Mesmo com todos esses avanços em relação à visibilidade LGBTQI+, estamos sendo tomados também por uma onda de conservadorismo, que vem se intensificando desde as últimas eleições presidenciais brasileiras, em 2018. A primeira grande demonstração do poder que possuem essas pessoas pertencentes a um movimento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação do POSCOM-UFSM, e-mail: rodrigofagundes95@gmail.com.

ultraconservador foi através do desmonte da exposição *Queermuseu* em setembro de 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre (RS). Grupos religiosos e políticos alegavam que a mostra promovia pedofilia, zoofilia e a intolerância religiosa, e assim, através de uma forte mobilização pelas redes sociais, conseguiram que a exposição fosse encerrada antes do tempo previsto (G1 RS, 2017). Nesse mesmo ano, no mês de novembro, Judith Butler, uma das principais escritoras sobre feminismo e teoria *queer*, estava na cidade de São Paulo para promover o lançamento do seu livro *Caminhos Divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo* (2017) e mediar alguns painéis em um seminário sobre democracia no Sesc Pompeia. Antes mesmo de chegar no Brasil, já estava sendo realizada uma petição na internet contra a vinda da autora, alegando que Butler propunha a “destruição da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade” (FINCO, 2017).

Esse era o começo de um movimento que vinha em resposta ao crescimento da visibilidade midiática voltada à comunidade LGBTQI+ e que, aparentemente, incomoda bastante um setor da sociedade. A partir desses acontecimentos, acredito que seja muito importante neste momento mostrar a importância da representação midiática e das múltiplas histórias LGBTQI+ que podem ser contadas. Investigar as representações como uma forma de se sentir pertencente ao mundo, principalmente para aquelas pessoas que passam por situações extremas de discriminação, preconceito, até chegar à violência física. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, que divulga anualmente um relatório de assassinatos de homossexuais (LGBTI+) no Brasil, somente em 2018 foram registradas 420 mortes de integrantes da população homoafetiva e transexual por homicídio ou suicídio decorrente da discriminação (HERMANSON, 2019). Com base nesses dados, podemos ver que o número de assassinatos por homofobia e transfobia só têm aumentado ao longo dos anos. Em 2015 foram registrados 315 casos, em 2016 foram 343 e em 2017 foi o ápice, com 445 vítimas. E esses números podem ser ainda maiores, pois eles só contabilizam dados a partir de notícias de jornal e internet. Uma das formas de combater esse tipo de violência é fornecer informação e educação sexual para jovens, além da visibilidade que é necessária para essa comunidade, ensinando respeito aos LGBTQI+ à população.

Visando a busca por maior visibilidade no meio acadêmico, este trabalho apoia-se principalmente em questões voltadas para a comunidade LGBTQI+ com aporte teórico dos Estudos Culturais e da teoria *queer*, ou estudos transviados, como bem colocado por

Bento (2017) ao se referir que *queer* só possui sentido se assumido como algum lugar em nosso contexto³. Aqui, procuro fugir do essencialismo de uma única identidade LGBTQI+, desejo mostrar que existe diversidade dentro da diversidade. Como homem gay, acredito ser importante trazer para dentro da academia essas diversas vozes para dar maior pluralidade para o assunto.

Busquei entre as distintas manifestações culturais que circulam na mídia, alguma que pudesse englobar uma noção de multiplicidade de identidades dentro da comunidade LGBTQI+ e que, através das suas representações, admitisse a possibilidade de constituir um sentimento de identificação com o seu público. Encontrei na música uma maneira de expressar como essa comunidade é muito mais diversa, ampla e complexa para se entender e, sendo assim, que não deve ser unificada em torno de apenas alguns marcadores. Assim, entenderemos também a importância que tem a representação desses diferentes tipos de corpos, experiências e histórias como forma de identificação para as pessoas da comunidade LGBTQI+, uma forma de se sentir incluído no mundo e representado.

Sendo assim, o artigo pretende observar as representações LGBTQI+ “performatizadas” nos videoclipes de Linn da Quebrada, uma artista travesti brasileira, buscando entender como esses conteúdos midiáticos encontram novos significados quando em contato com o seu horizonte social. Como metodologia será realizado um estudo cultural contextualista, entendendo a cultura da mídia em seu papel como produtora de identidades e um “lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade” (KELLNER, 2001, p.54). Para Kellner (2001), a mídia é um dos elementos constituintes da formação de nossas identidades, estabelecendo-se como um importante meio de luta social e fórum do poder.

O viés metodológico de um estudo cultural contextual, proposto por Douglas Kellner (2001), é uma análise ideológica situada em meio aos debates e conflitos sociopolíticos existentes. Na nossa cultura da mídia são reproduzidos os conflitos fundamentais da sociedade, portanto, “a ideologia pode ser analisada em termos das forças e das tensões a que está reagindo” (KELLNER, 2001, p.54). Para isso, Kellner sugere utilizar três categorias criadas pelo sociólogo Robert Wuthnow (1989) para estudar as relações entre ideologias, movimentos sociais e o ambiente em que surgem e, assim,

³ No Brasil não somo *queer*, ninguém utiliza esse termo para nos ameaçar. Somos transviad@s, que pode ser uma bicha louca, um viado, um travesti, um sapatão, um traveco... (BENTO, 2017)

explicar as maneiras como os textos midiáticos interferem na vida social (KELLNER, 2001). A primeira categoria, horizonte social, “refere-se às experiências, às práticas e aos aspectos reais do campo social que ajudam a estruturar o universo da cultura da mídia e sua recepção” (KELLNER, 2001, p. 137). O campo discursivo, a segunda categoria descrita, é onde o conteúdo do horizonte social é articulado através de diferentes tipos de textos, como música, linguagem e enquadramentos. Por fim, a ação figural é onde ocorre a apresentação de figuras representativas, as quais ocasionalmente encarnam o ethos contracultural e sinalizam todo um movimento vinculado.

Linn da Quebrada: uma análise cultural contextualista

Entre as artistas que surgiram nesta última década, Linn da Quebrada talvez seja simbolizada por ser transgressora em suas expressões artísticas, o que abriu o caminho para que a comunidade LGBTQI+ se empoderasse de suas falas e enfrentasse o preconceito sem permitir que as normas criadas pela sociedade hétero interfiram em suas vivências. Suas origens são muito bem resumidas por Rose de Melo Rocha e Aline Rezende no artigo em que analisam as formas de resistência mobilizadas pela artista:

Como inúmeras das cantoras, cantores e “*artivistas* musicais de gênero” (ROCHA, 2018) que configuram a música pop LGBTQI+ paulista, Linn da Quebrada nasceu na periferia da capital, em 1990, numa área pobre da Zona Leste, e cresceu no interior paulista, em uma família simples e religiosa. A mãe, alagoana, era empregada doméstica; o pai, por sua vez, a deixou quando Linn tinha sete anos de idade, fato recorrente nas periferias urbanas de São Paulo. Abandono parental, forte vínculo religioso e mães-chefes-de-família são uma tríade comum a estas juventudes. (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 24)

Linn nasceu homem, ou pelo menos é isso o que a sua genitália indica de acordo com os padrões binários. Os padrões se repetem e nos surpreendem até hoje com suas maneiras de manter sua regularidade, oprimindo e negando os corpos que a desobedecem. Como afirma Woodward (2012), as relações identitárias se constroem nesse jogo de diferenças, dois lados opostos que precisam ser excludentes para se afirmar, não permitem a intermedialidade, a parcialidade, a incerteza ou até mesmo a conjunção, é a totalidade ou nada. Para Tomaz Tadeu da Silva (2012), outro teórico que colabora nas questões sobre identidade e diferença, a diferença se antecipa em relação a identidade, primeiro é preciso reconhecê-la para que então ocorra o processo de consolidação da identidade.

Os estudos transviados servem como ferramenta para um constante lembrete que nosso senso de diferença sobre a sexualidade e o gênero cria um sistema desigual baseado

apenas na lógica hegemônica. Miskolci (2007) ressalta a questão de que as diferenças operam interseccionalmente, ao mesmo tempo que a constituição das raças ocorreu devido ao acesso desigual ao poder que criou relações discriminatórias, também se atribuiu um gênero que seria marcado como socialmente menos valorizado, o feminino. Importante destacar que até mesmo os pertencentes a comunidade LGBTQI+ estão inseridos nesse sistema hegemônico e também usufruem de privilégios, principalmente homens brancos gays e cisgêneros, os quais recebem a maior visibilidade midiática dentro dos LGBTQI+ e, conseqüentemente, já conquistaram mais direitos e determinadas posições de respeito.

Assim como na jornada de tantos outros LGBTQI+, Linn foi descobrindo sobre sua sexualidade e sua identidade de gênero conforme o seu amadurecimento até chegar na definição a qual ela mesma criou para si, uma “bixa travesty”. O lugar da “bixa travesty” é fluido, não está nem lá nem cá, não é bixa e não é travesti, é uma mistura dos dois e, ao mesmo tempo, nenhum. Linn é uma mulher com pau, pelo no sovaco e sem peito grande. No documentário *Bixa Travesty* (2018), o qual acompanha a sua vida como artista em São Paulo, Linn compartilha muitas histórias pessoais e reflexões que foram fonte de informação para escrever sobre sua vivência. Em uma de suas falas no documentário, Linn afirma que não quer tomar hormônios, colocar silicone, depilar seus pelos ou fazer uma cirurgia de redesignação sexual para se adequar dentro dos termos impostos para a feminilidade. Na sua visão, os corpos não se limitam a binaridades e podem acontecer das mais diversas combinações. Segundo Linn (BIXA TRAVESTY, 2018): “Eu acho que hoje a gente consegue pensar na travestilidade ou em feminilidade sem, por exemplo, tenha que ta ligado à depilação, sem ter que ta ligado a trejeitos extremamente femininos”. Atualmente, em 2021, Linn já realizou procedimento estético para colocar silicone e conta que fez isso para gerar outras dúvidas, criar um novo órgão para desorganizar um pouco mais o mundo lá fora e também para transtornar-se, para que fosse outra, mudar continuando a mesma, só que diferente. Isso a fez se sentir livre para não ser nem homem nem mulher e para criar sobre sua própria existência, vivendo sua verdade como uma travesti (REDAÇÃO QUEM, 2021).

Essa ideia constitui uma premissa que se correlaciona a perspectiva *queer* ao enxergar o gênero como um construto social que pode acontecer em qualquer corpo, como Butler (2003) descreve na teoria da performatividade. Também, Preciado (2011) escreve sobre essas identidades que assumem um processo de desidentificação, identidades que

são resistentes à normalização, contrárias ao poder totalizante que busca uma “universalização” baseada em corpos cis. Preciado (2011) diz que não existe diferença sexual, mas sim uma multidão de diferenças que se inscrevem transversalmente em relações de poder. Para desestruturar a cultura hétero dominante, não devemos buscar uma integração dos subordinados entre seus opressores, essa relação continuaria baseando-se na definição das identidades através de práticas sexuais. Através de uma política de contrassexualidade onde renuncia-se às identidades sexuais fechadas, livres dos privilégios que elas podem oferecer, é que poderemos dar mais poder aos corpos desviantes em busca de um sistema que nos proporcione mais igualdade (PRECIADO, 2015).

É a partir deste “não lugar” que Linn escreve suas músicas e representa em seus clipes, uma “bixa travesty”, preta e favelada. Nessa interseccionalidade ela se encontra e faz disso sua forma de ativismo através da música, contra a heteronormatividade e o essencialismo. Surge como artista musical pela primeira vez em 2016 com a música e videoclipe de *Enviadescer*, canção que faz uma ode às bichas afeminadas e “tranviadas” sapatão.

Hey, pssiu, você aí,
Macho Discreto, chega mais, cola aqui,
vamo bater um papo reto,
que eu não to interessada no seu grande pau ereto.
Eu gosto mesmo é das bicha!
das que são afeminada
das que mostram muita pele rebolam, saem maquiada.
(ENVIADESCER, LINN DA QUEBRADA, 2016).

Linn canta a letra da música no videoclipe enquanto anda pelas ruas de seu bairro com seus amigos, dançando como uma forma de celebrar a diversidade. A música possui uma batida de funk, um estilo musical que é permeado ainda por muito machismo, devido a maioria de seus artistas serem Mc’s homens cis héteros. Porém, o funk, uma expressão que nasceu nas favelas, é próprio para Linn empoderar-se da sua vivência. Assim nasceu Linn da Quebrada, como fruto de um discurso que busca questionar os espaços estáveis e transformar as realidades normativas. Vem também de uma vulnerabilidade de Linn, que tinha acabado de se curar de um câncer e encontrou na escrita uma maneira de se expressar para além da sua corporalidade. Sua forma de expressão, majoritariamente através de batidas que remetem ao funk, se dá justamente para empoderar esses corpos

que não são vistos, dificilmente representados por qualquer outro artista dentro desse estilo.

As representações apresentadas na mídia revelam uma relação de poderes que define quem é incluído e quem é excluído, a abordagem de certos temas de forma a agradar uma quantidade maior de pessoas e se tornar comercialmente bem sucedido, perceber no público espectador quais assuntos merecem ser tratados de forma a engajar mais a audiência e gerar um impacto comunicativo. Assim, o que vemos retratado em produtos midiáticos vai influenciar diretamente em nossa percepção de mundo, definindo, de acordo com a mídia e suas razões comerciais, o que é interessante de ser abordado e o que deve ser ignorado, estigmatizado, hierarquizado, enfim, classificado. Segundo Silva (2012), buscar uma desestabilização da identidade, opor-se aos binarismos estabelecidos e questionar as diferenças, deve passar por um processo de questionamento dos sistemas de representação que lhe dão suporte.

Linn fala em uma entrevista publicada em 2018 pelo canal no Youtube do Teddy Award, nome da premiação ganhada pelo seu filme, que ela também vê sua música como uma forma de ela mesma se desconstruir, criar novas realidades possíveis. “É uma possibilidade de eu mesma dar sentidos ao meu corpo, [...] de eu mesma fazer as coisas ganharem um novo sentido para mim mesma”, diz Linn (TEDDY AWARD, 2018). Em *Enviadescer* ela quer encontrar o prazer nas bichas afeminadas, quebrar esse pensamento geral dentro da comunidade de só achar atrativo os “machos discretos”, aqueles que performam a masculinidade. “O videoclipe ‘Enviadescer’ é uma apresentação clara dos corpos desejanter de Linn e de sua rede de amigas e amigos, e o seu transitar pela cidade, afrontosamente, ‘todes enviadescendo’, como diz a letra e como performam a/os a(u)tores” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 29).

Partindo dessa primeira música, Linn foi conquistando mais visibilidade, porém de forma contida, apenas dentro da comunidade LGBTQI+. Essa é uma realidade para muitos artistas LGBTQI+ dentro do Brasil, normalmente são retidos dentro do meio LGBTQI+, como se suas manifestações artístico-culturais fossem voltadas apenas para esse público, criando uma categoria que existe apenas para manter essas pessoas no lugar de onde saíram, ou seja, a comunidade LGBTQI+. Assim, tudo o que produzem é determinado pelo mercado com esse rótulo que classifica primeiro sua sexualidade ou identidade de gênero antes de reconhecer seu trabalho. Esse tipo de determinação não acontece com artista cis heterossexuais, pois sua sexualidade é compulsória para todos os

seres, não precisam se afirmar como heterossexuais, pois é assim como todos são determinados antes mesmo de nascer.

Mesmo com essas barreiras impostas, Linn continuou realizando seu trabalho e ganhando mais espaço e respeito dentro do ambiente musical. Mantendo suas referências ao funk, ainda utilizando a denominação Mc para se apresentar, lançou o videoclipe de *Talento* logo após no mesmo ano, em 2016. Suas letras desde o começo apresentavam formas de empoderamento aos marginalizados, afrontando as táticas machistas e transfóbicas sustentadas pelo sistema. “Ser bicha não é só dar o cu. É também poder resistir” (TALENTO, LINN DA QUEBRADA, 2016). Linn se apropria de suas fragilidades e faz delas um meio para se fortalecer. Através delas é que cria redes de resistência, fazendo com que essa mensagem ecoe nos ouvidos daquelas que tiveram suas existências negadas e que agora podem se identificar com uma personalidade midiática que leva essa luta para outros patamares. A internet e as redes de sociabilidade dentro dela são uma grande responsável pela profusão de vozes que encontraram um meio de ser ouvidas. As mídias tradicionais, como a televisão, ainda operam de acordo com um pensamento generalizado que busca agradar seu público de forma massificada, assim, continua sustentando o discurso heteronormativo, dando pouco ou nenhum espaço para pessoas LGBTQI+.

Louro (2003) destaca que, embora já se criam mais informações sobre o atravessamento das fronteiras de gênero e sexuais atualmente, ultrapassando a bolha da comunidade LGBTQI+, ainda não podemos dizer que esse é um lugar confortável e reconhecido. “Tais sujeitos se assumem como excêntricos (fora-do-centro) e pretendem viver como tais” (LOURO, 2003, p. 5). Os indivíduos que se encontram num estado fluido de identidade pretendem questionar os métodos de normalização, não simplesmente eliminá-los, pois eliminar significaria ignorar que esses processos ainda estariam presentes como uma predisposição cultural, passado durante gerações como algo estabilizado e de origem única, seja através de comprovação biológica ou recorrendo a ancestralidade.

Em *Bixa Preta*, música lançada em 2017, Linn estabelece mais uma vez a sua música como forma de ativismo, reivindicando a valorização das bixas pretas faveladas.

Sempre borralheira com um que de chinerella
Eu saio de salto alto, maquiada na favela
Mas, se liga macho, presta muita atenção
Senta e observa a sua destruição

(BIXA PRETA, LINN DA QUEBRADA, 2017).

Sabemos da desvalorização que existe dentro do Brasil em relação ao povo preto, a supremacia branca domina todos os meios de representação e subjuga as pessoas pretas à inferioridade. Linn, que vêm dessa experiência como bixa preta e favelada, transforma isso em valorização. São essas bixas pretas e faveladas que possuem a coragem de assumir-se e viver sua autenticidade, pois para elas é impossível se esconder atrás de privilégios étnicos e de gênero, são elas que serão a resistência nas ruas. Sua luta para sobreviver e obter mais respeito abrirá o caminho para que outros LGBTQI+, os que possuem a capacidade de se camuflar através da heteronormatividade, tenham maior liberdade dentro do seu meio. É essa a luta que Linn representa nessa letra ao proferir “Bixa pre (trá... trá... trá, trá)” como um barulho de arma que representa a resistência.

Como já descrito aqui, as representações na mídia são responsáveis por criar um imaginário sob as identidades e, de certa forma, elas cristalizam a ideia que temos sobre pessoas pretas. Em decorrência disso, o povo preto aprendeu a politizar seus olhares, experimentar suas experiências visuais em um contexto de confrontação e contestação (hooks, 2019). Porém, hooks (2019) ressalta que os críticos do olhar negro estavam mais ligados a questões de raça, não tratavam de gênero e isso abria espaços para atitudes machistas, tornando-se até uma maneira de liberação da punição do olhar de desejo que os homens negros tinham sob as mulheres brancas devido a exaltação da beleza eurocêntrica na mídia. As mulheres negras tiveram que formar, então, um olhar crítico a respeito da invisibilização de seus corpos e da legitimidade dada à perspectiva falocêntrica supremacista branca. Focando nas mulheres negras, Carneiro (2019) reitera a ideia de que elas sempre são representadas em categorias específicas como a mulata ou a empregada doméstica, fazendo com que essas mulheres se contentem com esse espaço.

Essas representações também impactam dentro da comunidade LGBTQI+, dando maior visibilidade e recebendo mais aceitação pela sociedade quando são retratados homens gays, cisgêneros, brancos e que seguem o protocolo de heteronormatividade. Dá-se um espaço muito menor para aqueles que representam pessoas negras e fora da binariedade de gênero, causando um estigma que marginaliza ainda mais esses indivíduos. Essas pessoas sofrem discriminação até mesmo por outros(as) pertencentes à comunidade LGBTQI+ que, por possuírem mais privilégios e conquistas sociais, sentem-se superiores dentro de sua própria comunidade. A luta para alterar esses sentidos não deve ser somente em exigir novas formas de representação mais justa, mas também

de empoderar pretas(os) a ocuparem espaços de liderança, de forma que eles possam construir suas próprias representações e desconstruir os estereótipos (CARNEIRO, 2019).

Misturando os elementos de funk com batidas eletrônicas, com a música *blasFêmea/Mulher*, lançada em 2017, começa a traçar o estilo que tomará sua carreira. Nesta canção ela celebra os corpos das travestis, relatando suas vidas de forma real e bruta. No videoclipe ela representa o cotidiano das travestis nas ruas, na busca pela prostituição, mostrando os abusos e a violência por qual elas passam. No final do vídeo é apresentado um grupo de travestis junto com Linn que cantam juntas um dos versos da música “Eu tô correndo de homem. Homem que consome, só come e some. Homem que consome, só come, fodeu e some” (BLASFÊMEA/MULHER, LINN DA QUEBRADA, 2017).

Através da sua arte, Linn representa as travestis brasileiras que são desumanizadas pela sociedade, tratadas como anormais e vistas pelos homens como um produto para possuírem sexualmente. O Brasil sendo o país que mais mata travestis (MARTINELLI, 2019) é ao mesmo tempo o país que mais procura por pornografia transexual, segundo levantamento realizado pelo site pornô Redtube no ano de 2016 (GERMANO, 2016). Essa é a realidade apresentada por Linn nas suas músicas, a violência e a solidão de travestisgêneres que não encontram apoio na sociedade, mas servem para saciarem suas fantasias sexuais. “Deslocar o feminino do patamar de submissão e transcender a visão reducionista sobre o corpo travesti configura, para Linn, um ato de resistência, de amor – e, conseqüentemente, de resignificação política” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 28). A importância de ter uma cantora como a Linn da Quebrada para representar essas pessoas é enorme, pois ela pode servir de referência para a mudança da imagem construída sob a travesti. Uma “bixa travesty” conquistando popularidade, significa a vitória de muitas que já foram silenciadas e que agora veem uma possibilidade para além da prostituição e de horizonte de amores negados.

Através de financiamento coletivo, Linn da Quebrada conseguiu produzir o seu primeiro álbum de estúdio, o *Pajubá*, lançado em 2017. *Pajubá* é o nome dado ao conjunto de gírias utilizadas pela comunidade LGBTQI+ e, como Linn diz no vídeo para divulgar o financiamento coletivo do álbum, “*Pajubá* é linguagem de resistência. É linguagem das transviada sapatão”. O álbum possui canções escritas por Linn que representam a sua história e a de muitas pessoas dentro da comunidade LGBTQI+.

Com o lançamento do disco, Linn começou a ter maior visibilidade não só dentro da comunidade LGBTQI+, mas também fora dela, participando de programas de televisão, como *Amor & Sexo* da Rede Globo, e realizando shows por todo o Brasil. No ano de 2017 Linn fez sua primeira participação como atriz no filme *Corpo Elétrico*, direção de Marcelo Caetano que conta a história de Elias, um menino gay que vem do nordeste para São Paulo para começar sua vida adulta (CAROLINE, 2017). Em 2018 ela lançou o documentário *Bixa Travesty*, dirigido por Claudia Priscilla e Kiko Goifman, que conta sua trajetória como artista dentro do Brasil, mostrando sua vida íntima e experiências pessoais, como o câncer que enfrentou, fato que a fez mudar sua relação com o seu corpo, se conectar a ele de forma mais concreta e encarar suas fragilidades. O filme teve o seu lançamento na Berlinale, o Festival Internacional de Cinema de Berlin, onde recebeu o prêmio Teddy, dedicado a obras com temática LGBTQI+. Enquanto viajava para acompanhar a estreia mundial do documentário, Linn também realizou uma turnê de shows que passou por Portugal, Holanda, Alemanha e França (MENDES, 2018). Em 2019, Linn e Jup do Bairro, sua companheira de shows, estrearam o programa *TransMissão* no Canal Brasil. O programa de entrevistas tem como objetivo debater de forma descontraída sobre questões de gênero, sexo e raça, recebendo convidados como Paola Carosella, Fernando Haddad e Pedro Bial. Ainda em 2019, Linn participou como atriz na série *Segunda Chamada*, transmitida pela Rede Globo. Na série ela interpretava Natasha, uma travesti que lutava para ser respeitada e ter o direito de estudar.

Durante os tempos pandêmicos, entre 2020 e 2021, Linn lançou um videoclipe para o remix da música *Tomara*, do seu primeiro álbum, com participação de Davi Sabbag. A música trata sobre sexo e como ele pode ser decepcionante se não houverem variações de estímulos. No vídeo Linn e Davi são um casal de alienígenas que estão fazendo sexo em sua cama enquanto viajam por diversos cenários futuristas feitos através de chroma key. Após esse lançamento, ainda em 2020, Linn divulgou um videoclipe para a faixa *Bixa Preta Parte 2*, remix da música original que conta com um rap de Jup do Bairro falando sobre a resistência das bixas pretas. O vídeo mostra Linn e Jup sendo transportadas para dentro do universo dos videogames, passando por cenários conhecidos de diversos jogos. Essa música também marcou o fim da parceria de shows entre as duas cantoras.

Em 2021 Linn atuou na série *Manhãs de setembro*, lançada pela plataforma de *streaming* Amazon Prime Video, protagonizada por Liniker, outra importante artista

LGBTQI+ brasileira. A série conta a história de Cassandra, amiga da personagem de Linn, uma travesti que trabalha como motogirl na cidade de São Paulo e que precisa lidar com a notícia de que tem um filho do qual não sabia da existência. Linn também lançou o seu segundo álbum em 2021, chamado *Trava Línguas*, onde a cantora se mostra mais vulnerável, mostrando suas fragilidades para além da resistência. Além disso, o programa *TransMissão* continuou para sua terceira temporada recebendo nomes importantíssimos como Judith Butler.

Eu determino que termine aqui e agora.
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo.
Determino que termine em nós e desate.
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente com elas.
Que tenham outros problemas.
Encontrem novas soluções.
E que eu possa viver nelas.
Através delas.
Em suas memórias.
(ORAÇÃO, LINN DA QUEBRADA, 2019)

Com esse discurso Linn inicia o videoclipe de Oração, sua música original lançada em janeiro de 2019 e o vídeo mais assistido no seu canal até o momento, com mais de 1 milhão de visualizações, por isso deixado para ser analisado por último. O que Linn se propõe através dessa letra e videoclipe é representar a imagem da travesti como uma dádiva, apropriar-se das dores e transformá-las em força. Linn entende que ser travesti a aproxima do seu corpo, a torna responsável pelas suas próprias decisões, acha um privilégio compartilhar suas experiências com outras travestis, criar um espaço de “treinamento ao combate” ao mesmo tempo que celebram suas vivências. Sua divindade é chamada de crisTrans, onde louvam a um Deus formado por muitos eus. A vida da travesti é representada na letra da música entre a oração e a ereção, em lugar de incerteza entre os dois mundos, desamparadas pela sociedade, mas resistentes com suas aliadas, onde encontram a força através do amor que lhes foi negado. “O interior sagrado – remetendo a uma igreja – é profanado por uma sexualidade não autorizada. O exterior profano – as ruas da cidade – é sacralizado na liturgia da união de corpos que se protegem e se defendem” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 32). São mulheres que reivindicam sua própria realidade longe dos estereótipos sustentados há tanto tempo e que limita seus acessos à sociedade.

Em seu trânsito pelas possibilidades e corporeidades do feminino, Linn encontra na música e nas performances audiovisuais uma forma de construir redes de apoio

e de explicitar que já não é mais possível fingir que nós – mulheres e travestis – não existimos. Cada vez mais, Linn quer ocupar, transitar e ressignificar - (n)a música, (n)os corpos, (n)a periferia, (n)os circuitos midiáticos e pós-massivos - para, então, re-existir. (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 32)

Considerações finais

Para além da música, Linn conseguiu impactar todos os meios midiáticos, transformando-se em uma referência de artista dentro do Brasil. Sua presença nesses lugares demonstra como já evoluímos em relação a representação de pessoas LGBTQI+ desde 2016, ano em que ela lançou sua primeira música, mas que foi contida à um pequeno público em comparação ao alcance que tem agora. Ter uma travesti na televisão e conquistando sucesso internacional no cinema demonstra o potencial que temos dentro do nosso país de dar mais atenção para a diversidade, sem escondê-la debaixo de rostos brancos uniformizados.

O que Linn se propõe a fazer são movimentações de resistência, é um ambiente de luta contra o preconceito, assim ela reverte o machismo presente e imprime em sua arte o olhar de uma “bixa travesty”, celebrando a feminilidade como um poder, transformando-a em fortaleza. Ela quer transformar a imagem que temos da travesti, ou seja, suas representações identitárias, em algo que não tínhamos costume de ver antes. Quer desbancar o sistema heterocisnormativo para abrir espaço para novas convenções e crenças.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

BIXA TRAVESTY. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Produção de Evelyn Mab. Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAROLINE, Odhara. **Vem ver o trailer de “Corpo Elétrico”, filme nacional com Linn da Quebrada**. Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2017/06/vem-ver-o-trailer-de-corpo-eletrico-filme-nacional-com-linn-da-quebrada/>>. Acesso em: 12 ago. 2021

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro** – Formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-289.

FINCO, Nina. **Filósofa Judith Butler é agredida em Congonhas antes de deixar São Paulo.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>>. Acesso em: 15 out. 2019.

G1 RS. **Mostra Queermuseu é desmontada em Porto Alegre e deve sofrer uma pausa até ser reaberta.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/mostra-queermuseu-e-desmontada-em-porto-alegre-e-deve-sofrer-uma-pausa-ate-ser-reaberta.ghtml>> Acesso em: 15 outubro 2019.

GERMANO, Felipe. **Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas.** Disponível em:<<https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

HERMANSON, Marcos. **Relatório registra 420 vítimas fatais de discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018.** Disponível em:<<https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-de-discriminacao-contralgbts-no-brasil-em-2018/>> Acesso em: 28 de outubro de 2019.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpos que escapam. Labrys**, n. 4, ago./dez. 2003.

MARTINELLI, Andréa. **Número de pessoas trans assassinadas no Brasil cai 24% em 2019, mas país ainda é o que mais mata.** Disponível em:<https://www.huffpostbrasil.com/entry/mortes-pessoas-trans-2019_br_5e309f6cc5b6e8375f6436a1> Acesso em: 17 jul. 2020.

MENDES, Silvano. **Após estreia de documentário, Linn da Quebrada faz turnê pela Europa.** Disponível em:<<https://www.rfi.fr/br/cultura/20180221-apos-estreia-de-documentario-linn-da-quebrada-faz-turne-pela-europa-0>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças. In: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, (COLE) 16, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v.1. p.1-19. 2007.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2015.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, p. 11-20, jan./abr. 2011.

QUEBRADA, Linn da. **Bixa Preta**. 23 fev. 2017. (3min31s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **BlasFêmea**. 14 abr. 2017. (10min18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **Enviadescer**. 25 de mai de 2016. (2min54s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **Oração**. 2 nov. 2019. (5min59s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 11. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

REDAÇÃO QUEM. **Linn da Quebrada após colocar silicone: "Chorei por me sentir livre"**. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/02/linn-da-quebrada-apos-colocar-silicone-chorei-por-me-sentir-livre.html>>. Acesso em: 12 ago. 2021

ROCHA, Rose; REZENDE, Aline. DIVA DA SARJETA: ideologia enviadescida e blasfêmea pop-profana nas políticas de audiovisibilidade da travesti paulistana Linn da Quebrada. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.1, p. 22-34, abr./jun. 2019.

TEDDY AWARD. **Interview with Linn da Quebrada on the film "BIXA TRAVESTY"**. 20 fev. 2018. (18min52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j__Kd2yuffM&t=283s>. Acesso em: 14 jul. 2020.